



DA MITIFICAÇÃO COLETIVA: A VISÃO DO INFERNO NO IMAGINÁRIO LITERÁRIO POPULAR

Eduarda Maria Moreira Lopes – eduarda-mariah@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil;
<http://orcid.org/0000-0001-5466-4855>

Maria Aparecida da Costa – cidaminas@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-1814-0410>

RESUMO: Muito tem se falado e pesquisado sobre a importância da memória para o estudo crítico da Literatura. Desde a memória individual, autobiográfica até as consolidações de fenômenos propostos pela memória coletiva como é o caso de um mito, que perpassa de geração em geração, recebendo atualizações. Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo comparado entre duas obras de gêneros distintos: o conto *O inferno* de Graciliano Ramos e o cordel *A chegada de Lampião no inferno* de José Pacheco. A proposta é analisar de que forma o narrador e o eu-lírico, respectivamente, constroem a imagem do espaço do inferno. Com uma das principais vertentes sendo o imaginário popular e, mais especificamente, o imaginário cristão. Partindo da premissa da memória individual traçada no conto de Graciliano e chegando às considerações coletivas transmitidas e perpetuadas pelos cordelistas. Sob a ótica de teóricos como Maurice Halbwachs, que contribui de forma elucidativa com o advento da memória coletiva; Luis Alberto Brandão, que enfoca a expansão do espaço literário; as contribuições de Carlos Alberto Nogueira e João Libânio, que fazem uma investigação histórica acerca do imaginário cristão, pretendemos entender que o imaginário é construído, propagado e re(inventado) levando em conta os aspectos culturais e morais de determinado grupo social, bem como da persistência de alguns mitos até os dias de hoje. Para tanto, ainda contamos com a teoria de Antonio Candido sobre Literatura e sociedade.

PALAVRAS- CHAVE: Memória; Imaginário mítico; Narrador; Eu-lírico.

1 INTRODUÇÃO

Muitas têm sido as descobertas científicas sobre a memória. Os estudiosos se debruçam sobre questões como: Que aspectos são mais facilmente registrados? Se há algum tipo de memória que se destaque em meio a outras? E ainda, os motivos pelos quais ela se desvanece e deteriora ao longo do tempo, inclusive, pela ação de algumas doenças. Mas, uma questão que intriga não só ao campo médico-científico do saber é: como se constrói uma memória?

É do ponto de vista do saber literário que este trabalho se propõe a tentar esclarecer esta questão tão importante para a constituição dos costumes e tradições culturais, inclusive, a constituição do próprio indivíduo e uma das vertentes teóricas escolhidas para tal estudo é a noção de que a memória é coletiva. Estudo este, feito por Maurice Halbwachs em sua obra *A memória coletiva*. Segundo o estudioso,

O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros [...] Nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão da nossa lembrança será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. (HALBWACHS, 2003, p. 29)

O mesmo defende que, por mais intrínseca que seja uma recordação, ela tem a dependência do olhar do outro, da possível interferência e até mesmo da vivência deste. E se formos tentar reconstituir um conjunto de lembranças é inevitável que elas não se reconheçam nas do outro. Que não concordem no que há de comum, de essencial.

A proposta é fazer a análise de duas obras literárias de autores, épocas e gêneros distintos para observar como ambos constroem uma imagem-memória específica. As obras são: o conto *O inferno*, de Graciliano Ramos e o poema de cordel *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco. As duas obras trazem como temática a visão espacial em torno do inferno do ponto de vista da cultura popular, mítica, mais especificamente do imaginário cristão. Mas, por que o espaço ganha um enfoque tão conciso nesta análise?

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Consideramos que as imagens do espaço desempenham um papel importante para a memória coletiva. O lugar, o ambiente, o “entre-lugar” é povoado de marcas. Sejam elas individuais ou de um grupo. É como se o espaço resumisse cada detalhe de uma memória. Como se guardasse um sentido restrito de uma sociedade formada por aspectos singulares. Aspectos que transcendem e se tornam parte do ser.

Quando passamos muitas vezes por um determinado lugar – o caminho para a escola - por exemplo, marcamos para sempre aquele lugar com aquelas ações, com o encantamento da paisagem ou até mesmo a conservação de um determinado sentimento negativo ou de medo. Lembraremos das companhias de todos os dias. Não existe uma memória coletiva que não tenha ocorrido em um determinado espaço. É como se o ambiente que nos cerca conservasse a chave para as memórias.

No caso da Literatura, a experiência cotidiana é muito importante como fonte de inspiração, sobretudo com referência a alguns aspectos espaciais: as atividades realizadas, os objetos impregnados de valor emocional; o que aquele ambiente deixa para sempre marcado em determinado personagem; como o lugar corrobora para a formação de um caráter. Antonio

Candido em sua obra *Literatura e sociedade*, já chamava a atenção para os elementos individuais que adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas.

Para o autor,

Aí está um caso em que determinada atividade se transforma em ocasião e matéria de poesia, pelo fato de representar para o grupo algo singularmente prezado, o que garante o seu impacto emocional [...] pois mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio. (CANDIDO, 2000, p. 36)

Passemos para a análise das obras mencionadas. Analisaremos a construção deste espaço levando em conta dois elementos fundamentais: o narrador e o eu-lírico. No conto *O inferno*, de Graciliano Ramos contamos com a visão de um narrador que recorda momentos ímpares no seio familiar (o individual), até que surge uma curiosidade sobre como seria o inferno. No poema *A chegada de Lampião no inferno*, contamos com a irreverência de um cordelista que dá vida a um processo de imaginação um tanto quanto grotesca, que perpetua a imagem coletiva e mítica que se tem do inferno.

O NARRADOR CONSTRUINDO A IMAGEM DO INFERNO

Para iniciar a análise de uma obra tão delicadamente polida e rememorada é importante que se façam algumas explicações. O conto *O inferno* de Graciliano Ramos data de 1945 e faz parte de uma de suas obras mais difundidas: O livro *Infância*. Uma obra singular na maneira como trata os fatos que flutuam entre o ficcional e o autobiográfico. Singular no jeito de abordar temas tão íngremes como a dor, a solidão, a morte. E mais singular ainda, quando seus temas conseguem transcender de uma atmosfera individual para algo coletivo, quando, por exemplo, suas temáticas se debruçam sobre o corpo social. Outro ponto peculiar é a maneira como podemos ler a obra. Podemos lê-la como um todo, com uma determinada unidade ou simplesmente ler como contos soltos. Ambas as leituras, permitem uma viagem ao mundo surpreendente da memória.

A temática do conto *O inferno*, como o título anuncia, trata-se de um desses temas delicados e íngremes. É a história de um menino no início de suas descobertas, que conversa com sua mãe de forma descontraída, o que não era de costume, pois o narrador anuncia que são como tréguas. Neste meio tempo, em meio às descrições despreziosas, tanto do ambiente como da personagem feminina muito nova para ser mãe, o menino ouve uma palavra no mínimo desafiadora para a imaginação de um menino de seis anos: inferno.

Imediatamente, no seu ímpeto de curiosidade, ele indaga a mãe sobre como seria o inferno. Claro que ele tinha noção que era algo ruim, que era uma palavra pronunciada sempre em relação à má educação. Que devia ser feio e que nunca se deveria pronunciar. Isso causa estranhamento à mãe que responde genericamente no intuito de satisfazê-lo rapidamente e mudar o rumo da conversa. Mas ela não contava com a exigência feita pelo menino: ele queria detalhes, descrições minuciosas para poder acreditar com fidelidade na existência concreta do lugar - espaço.

É aí que entra em cena o imaginário popular, e, mais precisamente, o cristão, para propagar a ideia que se instaurara há anos sobre o inferno. A mãe o descreve como sendo “uma terra diferente das outras. Não havia lá plantas, nem currais, nem lojas, e os moradores, péssimos, torturados por demônios de rabo e chifres, viviam depois de mortos em fogueiras maiores que as de São João e em tachos de breu derretido.” Em um leve momento de pensar fazendo associações às coisas que a mãe citara e às que ele conhecia o menino tenta construir uma imagem exata e coesa daquele espaço. Num processo metalinguístico de memória dentro da memória ele relembra a vez em que queimou o dedo numa espécie de breu e quase não aguentou a dor e parte para tentar entender como as pessoas do inferno resistiriam por muito tempo. Não satisfeito, ele empreende sua investigação através de um verdadeiro inquérito. Com perguntas diretas. Quase impossíveis de serem respondidas.

Não sabe o menino, que sua mãe resumira em algumas frases, tudo o que se sabia ou se imaginava sobre os aspectos do inferno. Lembrando sempre que tratamos do imaginário arquetípico criado por uma coletividade através da experiência, das deduções, das representações. Levando em conta que cada comunidade, cada sociedade tem o seu imaginário.

Neste momento, o narrador, através da personagem da mulher, vai buscar no âmago das tradições culturais a iconografia infernal. A forma como a mulher descreve brevemente os aspectos mais triviais do inferno advém da forma como muitas coisas do saber chegaram às comunidades mais distintas: da propagação feita pelo Cristianismo, que ao longo da história do pensamento ocidental, sempre deixou marcas da sua influência e uma dessas influências era a elaboração de um lugar no pós-morte onde houvesse condenação aos pecadores.

Observamos atualmente o esforço empreendido pela igreja moderna para elucidar de forma mais branda aspectos do pós-morte, mas muitos desses mitos se propagam até hoje. E se formos pensar na atmosfera nordestina e/ou sertaneja, aí perceberemos que por formar um corpo social crente e temente continua com a interpretação cristalizada do passado e agrega a este pensamento novas nuances representativas. Essa aproximação da visão do inferno com elementos cotidianos, até torna familiar algo que é uma incógnita.

De acordo com estudos do historiador Carlos Roberto Nogueira em seu livro *O diabo no imaginário cristão*, podemos perceber a evolução da descrição e representação do espaço do inferno. Vejamos como essa passagem comunga com a visão propagada pelo cristianismo e corrente graças aos padres, que aliás, são as figuras as quais a mãe do menino do conto recorre para dar credibilidade a sua descrição. O padre seria, pois, uma autoridade no assunto. De acordo com o historiador,

Nas igrejas, pregava-se as penas infernais. A fantasia dos eclesiásticos deveria chocar, provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicote, dragões, água e piche ferventes, fogo e gelo, infinitas torturas. Eis o inferno: livre campo à fantasia, livre curso a todas as crenças tradicionais. O diabo causa terror e através de sua figura e de sua ação no mundo, impõe-se um rígido código moral. As narrações se intensificam, crescem, ganham corpo, na formadas visões apocalípticas. (NOGUEIRA, 2000, p. 76)

Voltando para a análise da continuidade do conto, é importante observar como o narrador conduz o embate ferrenho de falas da mãe e do menino. Ele torna clara a posição de cada um: o menino em sua ânsia por comprovar para acreditar e a mãe no papel de mediar as poucas informações que tinha. Todo o esforço da mãe se perde através das contrapartidas que o menino dava em busca de afirmações que tivessem o mínimo de verossimilhança. E, termina por não ser convencido.

Neste momento, o narrador nos faz penetrar na alma desiludida e descrente de um menino de seis anos e tudo o que ele conseguiu estruturar como imagem começa a se desvanecer. Dissiparam-se os tachos de breu, os demônios e até o prestígio do padre. Até que como uma erupção, ou como o borbulhar de caldeiras quentes, surge o atrevimento: a sinceridade. O menino afirma que não existe nada disso. Mas como discordar de uma ideia tão conclamada pela cultura? A ponto de ser tão importante que digladiava com o sagrado? O debate sobre o inferno ou o diabo torna-se mais presente do que as indagações sobre Cristo e seu Pai. Vejamos:

É um mundo de desequilíbrio, no qual, entre Deus e Satanás – nesse trágico dualismo que, embora não admitido dogmaticamente, é vivenciado na prática, não podendo pensar no Bem, sem antes pensar no Mal. A luta entre matéria e espírito não é encontrada apenas na imaginação popular, pois os ministros de Deus esgotam-se com debates sobre o Diabo, que ocupa as suas consciências de modo muito mais presente do que o próprio Deus. (NOGUEIRA, 2000, p. 44)

Acusado de leviano, o menino teve a punição merecida. Não chegaram a ser torturas, mas boas chineladas. Como os cristãos que pagavam no inferno pelos pecados cometidos, o menino pagou por seu ato de rebeldia, como o narrador intitula a oposição à autoridade. Na falta de

argumentos, a mãe usa do pior deles: a violência física. Algo que viria a se tornar tão familiar como a palavra inferno.

O EU-LÍRICO PERPETUANDO A IMAGEM DO INFERNO

O cangaço marcou época no Nordeste. Os violentos combates com a polícia, as invasões de vilas, cidades, fazendas, além de histórias de cruéis assassinatos, criaram ondas de medo e insegurança. O destaque que a sociedade dava a esses grupos contribuiu para a imaginação popular aumentar mais ainda os fatos ocorridos na época. É evidente que como a oralidade era o que permeava, também foram disseminadores dessas histórias os poetas e cantadores.

Temas como o poder, a arrogância, o jeito brutalizado dos bandoleiros; a coragem, o espírito justiceiro dos cangaceiros e, principalmente, dos líderes dos bandos foram cantados em versos. Lampião foi uma figura marcante naquele cenário. Para uns, um verdadeiro Robin Hood. Para outros, o mais sanguinário dos bandidos. O certo é que ele rendeu motes para os mais diversos tipos de poetas.

Enfocaremos o cordel porque se trata de um representante máximo da cultura nordestina e é um gênero que perpassa o tempo. É vívido, inclusive, nos dias atuais. Observaremos que no cordel, a perspectiva do imaginário cristão continua forte quanto ao tema do inferno. O que difere e será importantíssimo para a perpetuação da temática misteriosa do inferno no imaginário popular, será exatamente o tom de reinvenção deste espaço com interpretações e acréscimos. Desta feita, por José Pacheco, alagoano, contemporâneo de Leandro Gomes de Barros. Inclusive, tornando possível o ponto de vista cômico e o satírico diante de tanta violência e derramamento de sangue. O teórico Luis Alberto Brandão discorre sobre a reinvenção espacial,

é de natureza espacial o recurso que, no texto literário, é responsável pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, noções derivadas da ideia-chave de que há, na literatura, um tipo de visão. Em sentido mais amplo, trata-se do efeito gerado pelo desdobramento, de todo discurso verbal [...] Mas observar também pode equivaler, bem mais genericamente, a configurar um campo de referências do qual o agente configurador se destaca (o que justifica que se enfatize, por exemplo, a auto-reflexividade da voz poética). A visão, entendida mais ou menos literalmente, mais ou menos próxima de um modelo perceptivo, é tida como uma faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; e espaço vidente, perceptório, conceptor, configurador. A relação pode, naturalmente, adquirir distintas qualificações: mais ou menos isenta, mais ou menos projetiva, mais ou menos autônoma, etc.

Analisando o poema de cordel *A chegada de Lampião no inferno*, é possível constatar que trata do momento da chegada de Lampião, no pós-morte imaginário, no lugar reservado para os

condenados. Os pecadores que pagarão pelos seus erros: o inferno. Passa-se a se contar sobre essa chegada. Quem conta a história é um dos cabras do bando, também morto, em forma de assombração. Nome: Pilão-deitado.

Um cabra de Lampião /por nome Pilão Deitado /que morreu numa trincheira
um certo tempo passado /agora pelo sertão /anda correndo visão /fazendo mal
assombra /Foi ele que trouxe a notícia /que viu Lampião chegar /o inferno
nesse dia /faltou pouco pra virar /incendiou-se o mercado /morreu tanto cão
queimado /que faz pena até conta (PACHECO, p.1)

Vê-se perpetuada a forma de conceber o espaço físico do inferno, conforme fora implantado no imaginário cristão. Por meio da “contação” do cabra, percebemos que é de fato, aquele lugar do fogo eterno. E elabora o cômico trazendo o fato de alguém no pós-morte morrer de novo e ainda mais queimado.

Então, segue a narrativa poética. É contado o momento exato da recepção feita a Lampião. Uma espécie de vigia consulta Satanás para saber se Lampião poderia entrar ali. Vale ressaltar que na cultura local vigente, outros cordéis contaram a não-entrada de Lampião no céu, restando o oposto. Em resposta negativa de Satanás, começa toda a confusão. Como não seria confuso tal ocorrido? Notamos de novo a menção ao fogo como matéria – prima do fazer infernal.

O vigia disse assim /fique fora que eu entro /vou falar com o chefe /no gabinete
do centro /por certo ele não lhe quer /mais conforme o que disser /eu levo o
senhor prá dentro /Lampião disse vá logo /quem conversa perde hora /vá
depressa e volte já /que eu quero pouca demora /se não me derem ingresso /eu
viro tudo asavesso /tóco fogo e vou embora (PACHECO, p. 2)

A condução cômica com que esse nosso eu-lírico-narrador faz a trama, é realçada com um ingrediente muito comum a provável época em que se passa: o preconceito racial. É interessante lembrar que o negro nesta época sofria um preconceito “rasgado”. Não se tinha pudor em praticá-lo. Era banal. Não acontecia de forma velada como ocorre ainda hoje, cerca de dois séculos depois. Pois bem, até isso corrobora como elemento atrelado a imagem do inferno. E a forma debochada da linguagem de Satanás, torna a bagunça instaurada ainda mais engraçada. Sendo as pessoas do inferno todas negras, inclusive, demônios e diabos. Vejamos outra passagem

Disse o vigia ao patrão /a coisa vai esquentar /eu que ele vai se danar /quando
não puder entrar /Satanás disse é nada /convida aí a negrada /e leve o que
precisar /Leve cem dúzias de negros /entre homem e mulher /vá na loja de
ferragens /tire as armas que quiser /é bom avisar também /pra vir os negros que
tem /mais compadre Lucifer /E reuniu-se a negrada /primeiro chegou
Fuchico /com um bacamarte veio /gritando por Cão de Bico /que trouxesse o

pau da prensa /e fosse chamar Tangença /na casa de maçarico . (PACHECO, p.4)

Leitores vou terminar /o tratado de Lampião /muito embora que não possa
vos dá maiores explicação /no inferno não ficou /no céu também não chegou
por certo está no sertão /Quem duvidar desta historia /pensar que não foi
assim /querer zombar do meu eu /não acreditando em mim /vá comprar papel
moderno /e escreva paro o inferno /mande saber de Caim. (PACHECO, p. 8)

Para finalizar, destacamos duas ocorrências que enfatizam o tom satírico com que o inferno é tratado pelo cordelista: a menção direta que se faz de aspectos materiais (padaria, loja de ferragem, pá de mexer doce, cerca, terraço) em um espaço considerado espiritual; o outro aspecto é a desarquetipação do personagem Lampião, já que mesmo sendo tão valente, apanha da “negrada” e vai embora. Ainda para fazer um pacto com a verossimilhança, o eu-lírico evoca o leitor para escrever para o inferno e faz menção à figura bíblica de Caim, outro desordeiro do universo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do nosso trabalho é importante mencionar o entrelaçamento da temática abordada no meio cultural popular. A visão do inferno, assim como todas as outras instâncias que envolvem mistério, foi e, pelo visto, será perpetuada ao longo dos tempos. É algo que instiga interesse e ao mesmo tempo temor. Curiosidade e ao mesmo tempo repulsa. É algo contraditório em si mesmo.

Já que nesta análise evocamos o leitor e suas visões do inferno tomadas não apenas como uma categoria passiva e passando a encará-lo como algo cultural e formal de horizontes e expectativas diferentes, é imprescindível que evoquemos naturalmente o processo de recepção. Principalmente porque este é justamente um processo de experimentação do imaginário projetado no texto.

É um processo que tem como foco o texto. Onde convertido em objeto estético requer dos receptores a capacidade de produzir o objeto imaginário. A recepção, portanto, está muito próxima da experiência do imaginário.

O narrador proposto por Graciliano Ramos em sua obra adentra a atmosfera intimista do ponto de vista da criança, que mesmo com reconhecida inocência, não se convence com a descrição do inferno feito pela mãe. Já a forma como o eu-lírico-narrador do poema de José Pacheco, torna incontestável que os fatos aconteceram daquela forma determinada.

A forma como a obra é apresentada ao leitor faz toda a diferença. O fazer literário e suas imbricações corroboram para uma identificação do público que vai perpetuar tais temáticas e, talvez torná-las sempre interessantes.

4 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços literários e suas expansões**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, n. 15, jan. 2007, p. 207- 220.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Breve história do espaço na teoria da literatura**. Cerrados. Brasília, n.19, 2005,p. 115-134.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

FRANÇA, Marcos Antônio Pessoa de. **Para rir até chorar... com a cultura popular**. João Pessoa: Sant'ana, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no inferno**. Disponível em <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=103&cat=Cordel>

RAMOS, Graciliano. **O inferno**. In: RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro: Record, 1984.

Title

Of collective mitification: the view of hell in the popular literary imaginary.

Abstract

Much has been said and researched about the importance of memory for the critical study of literature. From individual, autobiographical memory to the consolidations of phenomena proposed by collective memory, such as a myth, which passes from generation to generation, receiving updates. This work aims to make a comparative study between two works of different genres: the tale *The Hell of Graciliano Ramos* and the string *The arrival of Lampião in the hell* of José Pacheco. The purpose is to analyze how the narrator and the lyric, respectively, construct the image of the space of hell. With one of the main strands being the popular imagination and, more specifically, the Christian imagination. Starting from the premise of individual memory traced in Graciliano's tale and arriving at the collective considerations transmitted and perpetuated by the cordelistas. From the perspective of theorists such as Maurice Halbwachs, who contributes in an elucidating way with the advent of collective memory; Luis Alberto Brandão, who focuses on the expansion of the literary space; With the contributions of Carlos Alberto Nogueira and João Libânio, who make a historical investigation about the Christian imagination, we intend to understand that the imagination is constructed, propagated and re (invented) taking into account the cultural and moral aspects of a given social group, as well as persistence of some myths to this day. To this end, we still rely on Antonio Candido's theory of literature and society.

Keywords

Memory; Mythical imaginary; Storyteller; I-lyricist.

Recebido em: 18/07/2019.

Aceito em: 26/08/2019.